

## PROBLEMATIZANDO E DISCUTINDO ASSÉDIO MORAL E ASSÉDIO SEXUAL EM SALA DE AULA

**Nathália Hernandez Turke**

Graduada do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Londrina (UEL)  
E-mail: nathalia.turke@hotmail.com

**Felipe Tsuzuki**

Graduando do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Londrina (UEL)  
E-mail: felipe.tsuzuki@outlook.com

**Maria Lúcia Correa**

Doutora em Ensino de Ciência e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora da Rede Estadual de Ensino do Paraná  
E-mail: marllu793@gmail.com

### RESUMO

O papel da escola pode ser relevante ao evidenciar ações estabelecidas e costumeiras que demonstram relações de poder e opressão em relação a crianças, adolescentes e mulheres. Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de duas aulas aplicadas para 61 jovens de dois sextos anos da Educação Básica, em uma escola da rede pública na cidade de Londrina, cujo tema foi a problematização do assédio moral e sexual. Foram utilizados slides com fotos de diferentes pessoas [homens e mulheres (*cis* e *trans*)], com distintas idades (bebes, crianças, jovens e adultos) em diversos ambientes (trabalho, casa, festa, igreja). Para todas as imagens observadas, xs discentes puderam anotar em uma folha de papel, anonimamente, os circunstâncias pelos quais imaginavam que estas pessoas haviam sido estupradas. Na sequência, mostraram-se casos de assédio, onde xs alunxs foram unânimes ao proferirem já terem sofrido ou presenciado tal acontecimento. Fomentou-se uma discussão, possibilitando reflexão a respeito do tema e, por meio de registros escritos, observou-se que, ao final da aula, houve mudanças nas noções tidas como naturais relacionadas a atitudes machistas e preconceituosas, possibilitando a percepção da importância e necessidade de abordar assuntos relacionados a essas temáticas em sala de aula.

**Palavras-chave:** Escola; Assédio sexual; Assédio moral; Estupro.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



## INTRODUÇÃO

Apesar do assédio moral e sexual serem recorrentes em vários momentos do dia-a-dia da população, poucos são os espaços para discussões. Para que possa ser trabalhado um tema cercado de estigma e desinformação, primeiramente serão tratados alguns conceitos fundamentais para o entendimento básico da necessidade e complexidade de haver espaço para debates de assuntos voltados ao assédio e à violência sexual.

Segundo o Dicionário Online de Português, assédio é definido como a “insistência inconveniente, persistente e duradoura em relação a alguém, perseguindo, abordando ou cercando essa pessoa” (ASSÉDIO, 2017). A partir deste conceito, pode-se afirmar que assédio sexual consiste em uma conduta de natureza sexual não desejada, a fim de obter favores sexuais que, embora não sejam consentidos, leva a uma abordagem persistente e inconveniente, ofendendo a honra, a imagem, a dignidade e privando a vítima de sua liberdade sexual.

Fakuda (2012) atesta que o assédio sexual pode ser compreendido como o “resultado de uma incapacidade do agressor em lidar com a frustração de ter o desejo sexual negado pelo outro, em outras palavras, de uma relação de dominação e poder sobre o outro”. E é neste cenário que o agressor busca manter a vítima presente em seu campo de atuação, porém submetendo-a a sua vontade (CHAUÍ, 1984).

O assédio moral ou violência psicológica é mais frequente do que a agressão física, podendo se fazer presente em olhares, gestos, palavras, textos e assim por diante, gerando danos tanto para a vítima como para pessoas próximas a ela, como amigos, familiares, colegas de trabalho, sociedade escolar ou profissional. Na interpretação de Field (2010) o assédio moral é um “comportamento persistente, ofensivo, abusivo [...] que faz com que o agredido se sinta preocupado, ameaçado, humilhado ou vulnerável, minando a sua autoconfiança e provocando-lhe estresse”.

Blanch (2005) apud Ferreira et al. (2006) reafirma que o assédio moral tem como objetivo desestabilizar, prejudicar psicologicamente e profissionalmente a vítima, podendo ser definido como uma maneira de violência psicológica provinda de uma conduta hostil, levando o assediado a situações de violência

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



emocional. Sendo assim, o agressor pode obter efeitos desejados, como descarregar suas aflições, fortalecer a própria autoestima, demonstrar poder, se proteger de uma ameaça hipotética ou afastar uma pessoa competidora.

Tanto o assédio moral como o sexual podem ser percebidos através de assobios e xavecos dirigidos a mulheres na rua, *bullying* no ambiente escolar e profissional, violência psicológica entre amigos e familiares, agressões conjugais, abusos sexuais. Apesar de homens também serem vítimas potenciais do assédio sexual, já que o mesmo não é dirigido a um gênero específico, na maioria dos casos as vítimas de assédio são mulheres.

Após décadas de luta, as mulheres passaram a ocupar espaços públicos, contudo a sociedade continua inserida em um modelo patriarcal, configurando a existência de papéis de gêneros moralistas e inflexíveis. “Ensinamos as meninas que elas não podem agir como seres sexuais, do modo como os meninos agem” (ADICHIE, 2015), ou seja, os homens podem expressar sua sexualidade ativamente enquanto as mulheres são reprimidas.

As meninas são ensinadas a se comportarem como “damas” perante a sociedade, sendo ótimas mães e donas de casa, submissas aos homens, os quais devem se portar como progenitores fortes, viris, audaciosos e autoritários. Galinkin e Esmael (2011) afirmam que no Brasil o papel feminino foi inculcado a dirigir a atitude das mulheres desde sua infância em uma perspectiva androcêntrica, misógina e heterossexual, estando sempre preparadas para o casamento e submissas aos homens, sejam pais, irmãos ou companheiros.

A relação de poder é estabelecida entre homens e mulheres, levando a chamada “Cultura do Estupro”, termo criado nos anos 70 pelo feminismo para denunciar as ações machistas de uma sociedade que nomeia “culpadas” as vítimas pelo abuso sexual sofrido. Segundo Machado (1998), esse pensamento encoraja todo tipo de violência contra a mulher, inclusive as agressões sexuais que incluem tanto assédio como linguagem e gestos obscenos, abraços, beijos e qualquer outra forma de contato físico sem consentimento, até mesmo o estupro.

A Cultura do Estupro está nas imagens, na linguagem (piadas, gírias, expressões), nas leis, na TV (filmes, séries, novelas, programas de entrevistas, telejornais, propagandas, *reality show*), nas redes sociais, e em outras mídias,

Realização:

Apoio:



reafirmando o patriarcado, onde as mulheres não podem usar roupas curtas, saírem sozinhas à noite, ingerir drogas ou bebidas alcoólicas, beijar, transar, frequentar festas, a não ser que estejam na presença de um homem, caso contrário estão “pedindo para serem estupradas”. A mulher é punida, muitas vezes, por simplesmente ser mulher, tendo seus desejos negados e violados.

Nesse contexto, problematizar estereótipos e questionar naturalizações impostas por uma cultura androcêntrica pode possibilitar a reconstrução de valores relacionados principalmente no que se refere à questão da mulher na sociedade. Tendo em conta tal temática e a importância do papel da escola ao evidenciar ações estabelecidas e costumeiras que demonstram relações de poder e opressão, bem como alertar os estudantes sobre as implicações do assédio moral e sexual, este trabalho teve por objetivo problematizar este tema em sala de aula, abrindo espaços para discussões, com o intuito de levar os alunos a repensarem e desconstruírem seus pré-julgamentos e atitudes perante o tema proposto.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa consistiu em duas aulas com os temas “Assédio Moral e Sexual” e “Cultura do Estupro”, a qual foi desenvolvida com 61 jovens de dois sextos anos da Educação Básica, em uma escola da rede pública do ensino da cidade de Londrina, do estado do Paraná. Através da utilização de recursos multimídias (*slides* elaborados pelo programa “Microsoft PowerPoint”), foram exibidas imagens, notícias e comentários reais sobre casos de assédio e estupro.

As discussões sobre assédio foram iniciadas através da apresentação de um recente caso provocado por um cantor que exerce grande influência sobre xs adolescentes, onde o mesmo assediou moral e sexualmente uma jornalista. Enquanto era entrevistado, além de fazer comentários como: “Mano, que “ramelona” essa mina. Vai dá um desconto porque ela é gostosinha” e “Menina, se eu te pego eu te quebro no meio. Então você não pode me falar nada”, o cantor ao ser indagado se ficava incomodado quando as fãs pediam um selinho, respondeu “Não.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Eu dou. Você quer um?”<sup>1</sup>. Logo em seguida, foi aberto espaço para que xs alunos pudessem expor experiências de assédio que sofreram ou presenciaram, bem como se sentiram com relação a estes acontecimentos.

Para adentrar no assunto “violência sexual e cultura do estupro”, foram exibidas fotos de 10 pessoas de diferentes faixas etárias (bebês, crianças, jovens e adultos), gêneros (homens *cis*, mulheres *cis* e mulheres *trans*), raças, classes e assim por diante, porém com algo em comum: todxs haviam sido estupradxs. Xs alunxs foram instruídos a enumerarem de 01 a 10 em uma folha retirada de seu caderno e escreverem, em ordem e a caneta, em quais circunstâncias acreditavam que estas pessoas haviam sido estupradas.

Na sequência, foram passadas notícias (reais) de pessoas, com perfil parecido com as das fotos, que sofreram abuso sexual, bem como por quem e onde se deu o ocorrido.

**Figura 1. Dados dos slides**

Foto/Caso	Descrição da Pessoa (Vítima de estupro)	Notícia (real) do estupro
01	Mulher, adulta, <i>cis</i> , negra, obesa e empregada doméstica.	“Empregada doméstica conta como foi audiência cara a cara com médico acusado de estuprá-la” <sup>2</sup> .
02	Menina, criança (10 anos), <i>cis</i> e branca.	“Homem é preso suspeito de estuprar a própria enteada” <sup>3</sup> .
03	Mulher, jovem (19 anos), <i>cis</i> e usando roupas curtas.	“Bandido invade casa, rouba objetos e estupra moradora” <sup>4</sup> .
04	Meninas, crianças e <i>cis</i> .	“Condenado a 29 anos de cadeia, pai que estuprou duas filhas é preso” <sup>5</sup> .
05	Menina, jovem (20 anos), <i>cis</i> , deficiente mental.	“Jovem é preso suspeito de estuprar garota deficiente” <sup>6</sup> .
06	Mulher, adulta e <i>trans</i> .	“Travesti é estuprada, espancada, assassinada e jogada em córrego” <sup>7</sup> .
07	Menino, criança (07 anos) e <i>cis</i> .	“Professor teria estuprado menino de 7 anos em banheiro de escola em BH” <sup>8</sup> .
08	Cinco meninas e um menino.	“Padre é preso no DF acusado de estuprar 6 crianças” <sup>9</sup> .

<sup>1</sup> Trechos retirados do áudio da entrevista. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=y\\_jR1\\_99ch4](https://www.youtube.com/watch?v=y_jR1_99ch4). Acesso em: 06 Abril 2017.

<sup>2</sup> Notícia retirada de: <http://migre.me/vDaWq>

<sup>3</sup> Notícia retirada de: <http://migre.me/vDaYi>

<sup>4</sup> Notícia retirada de: <http://migre.me/vDaYH>

<sup>5</sup> Notícia retirada de: <http://migre.me/vDaZq>

<sup>6</sup> Notícia retirada de: <http://migre.me/vDaZP>

<sup>7</sup> Notícia retirada de: <http://migre.me/vDb0b>

<sup>8</sup> Notícia retirada de: <http://migre.me/vDb0P>

<sup>9</sup> Notícia retirada de: <http://migre.me/vDb1f>

Realização:

Apoio:

09	Menina, bebê (07 meses).	Antes de estuprar bebê, padrasto torturou e queria matá-lo, diz polícia” <sup>10</sup> .
10	Mulher, jovem (16 anos), cis e usando roupas curtas.	“Vítima de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua” <sup>11</sup> .

Fonte: xs próprixs autorxs.

Foi fomentada uma discussão acerca de todos os casos de estupro expostos, destacando alguns, como o caso 10, o qual noticiou o estupro coletivo de uma jovem de 16 anos que estava em uma festa com o namorado e um casal de amigos. A notícia teve grande repercussão midiática e a garota foi vítima de comentários preconceituosos tanto em redes sociais como em sites onde a notícia foi divulgada, onde as pessoas tentaram justificar e culpar a mesma pela violência sexual sofrida. Alguns destes comentários foram transmitidos para os alunos durante as aulas.

### Figura 2. Culpabilização da vítima de estupro

Indivíduo 01	Puro F E M I N A Z I S M O na "pátria doutrinadora", só isso.
Indivíduo 02	A situação está estranha, recebi comentários no whatsapp que a garota gosta de orgia, usa droga e que pediu para que transassem com ela. Estupro não acontece em favela, pois os chefes mandam matar, mas o sexo com as novinhas rola solto. A Lei lá é diferente!!!
Indivíduo 03	Estupro merece cadeia para o resto da vida. Agora, convenhamos, como é que a vitima conseguiu até contar e reconhecer o número dos caras que a estupraram?
Indivíduo 04	Desde os 13 anos tem costume de sair de casa e ficar dias longe sem dar satisfação? Com 16 anos é mãe de uma criança com 3 anos e gosta de frequentar baile funk na favela e vocês vão mesmo querer me fazer acreditar que isso realmente foi estupro? Essa deve ter com 16 anos mais horas de cama que urubu de voo! Tem história pra contar pra uma senhora de 60 anos que ela não vai nem saber que era possível!
Indivíduo 05	Não é de surpreender esses lamentáveis casos de estupro em um país que se fabrica mini-putas, com uma farta erotização precoce.
Indivíduo 06	O que acontece se os estupradores da menina alegarem que são mulheres? Segundo a ideologia de gênero dos esquerdistas, uma pessoa é o que sente, e sua biologia não importa. A sociedade é obrigada a aceitar essa decisão, se não é fascismo. Como a justiça irá julgar o caso de uma mulher que foi violentada por 30 outras mulheres? Fiquei curioso agora.
Indivíduo 07	Que triste o que aconteceu com essa menina. Estupro coletivo só em lésbicas que são aberrações. Deixem as mulheres normais, por favor. O que não é de Deus pode pagar pelos seus pecados na Terra... ao invés de mulheres e mães de família, os estupradores podem pegar as lésbicas e feminazis que tem raiva de homens e deixem nós, mulheres

<sup>10</sup> Notícia retirada de: <http://migre.me/vDb1B>

<sup>11</sup> Notícia retirada de: <http://migre.me/vDb20>

Realização:



Apoio:



	normais fora disso. Simples assim.
Indivíduo 08	Quem se mistura com os porcos, farelo come. Errado quem fez muito mais errado ela, que procurou. Parem com o vitimismo barato.
Indivíduo 09	Todo mundo falando que ela não devia ser estuprada, concordo, mas nenhuma mulher sequer falou que ela deveria se vestir adequadamente, ao invés de expor seu corpo como um objeto sexual e que não deveria frequentar lugares de baixo nível. Ou seja, vivemos em um mundo onde as mulheres não se valorizam e ainda sempre querem posar de coitadinhas.
Indivíduo 10	A culpa é dela mesmo, coloca roupinha sensual, seminua e quer o quê? A gente acha o que procura e ela achou. Merecido!

**Fonte:** redes sociais e sites onde a notícia foi exposta.

Finalmente, xs alunxs tiveram a oportunidade de reler o que escreveram em suas folhas e riscarem, a lápis, as coisas que passaram a não concordar depois das discussões. Indagou-se: as aulas foram capazes de levar xs alunxs a refletirem e desconstruírem seus julgamentos?

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, descreveram-se algumas reações comportamentais dxs alunxs e se avaliou o conteúdo escrito pelxs mesmos, bem como algumas falas proferidas ao descobrirem a verdade acerca dos casos apresentados.

Com relação ao conteúdo escrito, foram observados comentários machistas que tendenciavam a culpabilização da vítima. Alguns destes comentários foram compilados na figura a seguir:

**Figura 3. Conteúdo escrito pelxs alunxs**

Alunx	Comentário escrito
01	“Foi assim, treze homens a sequestraram, pois ela é bonita e a estupraram.”
01	“Foi estuprada pelo pai que não aceitava ela.”
02	“Eu acho que ela estava fazendo bobeira e estava distraída e um cara a pegou só, com nenhum motivo.”
02	“Eu acho que ela andava muito sozinha e com roupas curtas e isso fez com que algum cara a invejasse.”
03	“Ela estava tirando fotos e andava como uma maneira que chamava a atenção. Veio um ladrão e estuprou ela.”
03	“Ela foi a uma festa e foi estuprada por amigos no banheiro”
04	“Andando na rua com a roupa errada ou na balada”
05	“Por ser bonita, usar roupas curtas e porque tira foto toda de roupa curta e ela não gostou e está infeliz.”

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



06	“Ela estava na rua com o short curto e um homem a elogiou. Ela disse que não gostou e então ele a estuprou”
07	“Ela deve ter ido mostrar as partes íntimas para vários homens e lá aconteceu o estupro”
08	“Travesti foi estuprada pelo seu jeito de ser”
09	“Uma transexual assanhada, estuprada por homens maldosos”
10	“Eu acho que essa menina foi estuprada por que ela quis. Ela já falava que queria ser estuprada por homens e amigos”

**Fonte:** dados retirados das respostas escritas dxs alunxs.

As reações comportamentais dxs alunxs ao escutarem as verdadeiras circunstâncias em que as vítimas sofreram assédio foram descritas na figura abaixo:

**Figura 4. Reações comportamentais.**

Alunx	Reação
11	Demonstrou indignação e agitação.
12	Não conformado, levantou-se de seu lugar e indagou a veracidade da notícia.
13	Proferiu um xingamento, indignado.
14	Questionou o que havia acontecido com a vítima após a violência.
15	Perguntou se o violentador havia sido preso.
16	Disse que o agressor deveria ser violentado.

**Fonte:** observação e anotação feita pelxs autores.

A partir destes dados é possível atestar que a violência reafirmada a partir do comportamento machista, que é naturalizado em nossa sociedade, não é totalmente consciente. Apesar dos alunos reproduzirem tais pensamentos, os mesmos não concordavam com a violência. As reações comportamentais mostraram certo incômodo, indignação e incredulidade por parte dxs alunxs com relação às notícias verdadeiras apresentadas durante a aula.

Na análise dos resultados obtidos por meio desta pesquisa, observaram-se, com frequência, relatos dxs alunxs de assédios morais e sexuais sofridos, os quais foram reunidos em tabela:

**Figura 5. Relatos verbais de assédios sofridos pelxs alunxs**

Alunx	Relato verbal
17	“Eu tava andando, voltando pra casa da escola. Daí veio um cara, abriu a porta do carro e falou pra eu entrar.”
18	“Eu tinha saído de casa, acho que pra ir na padaria, e uns homens no bar começaram a mexer comigo, assoviando, me chamando de gostosa.”
19	“Sempre fica uns meninos mais velhos na saída da escola, eles ficam mexendo com as meninas.”
20	“Meu meio irmão mais velho às vezes não deixava eu ir brincar na rua, eu era muito pequena, eu só sabia que eu não gostava. Um dia a vizinha pegou ele me abusando e contou pro meus pais. Daí eles mandaram ele ir morar com a mãe

Realização:

Apoio:



	dele em outra cidade. Eu tenho medo de contar para as pessoas e elas querem fazer isso comigo de novo.”
21	“Um homem que eu não conheço comentou uma foto minha no Facebook, me chamou de gostosinha e tentou conversar comigo no chat. Meus pais me mandaram excluir a foto e bloquear ele.”
22	“Eu tenho medo de sair sozinha porque os caras ficam mexendo com a gente na rua.”

**Fonte:** observação e anotação feita pelos autores

A partir do que foi observado nos relatos, e apesar da pouca idade dxs jovens (entre 10 e 13 anos), evidencia-se grande frequência de assédio sofrido, sendo perceptível o sentimento de insegurança, invasão, impotência e desrespeito.

Quando as discussões em sala de aula foram finalizadas, xs alunxs tiveram a oportunidade de reler o que haviam escrito sobre as circunstâncias que imaginavam que as pessoas vistas nos 10 casos expostos foram violentadas, e riscarem o que não concordavam mais. Ao analisar o que xs mesmxs haviam alterado, ficou nítido a retirada dos comentários onde havia a culpabilização da vítima, que se deu pelo gênero, roupa, locais frequentados, companhias e assim por diante.

A pesquisa reafirmou algo já conhecido – a Cultura do Estupro –, onde a maioria das vítimas de estupro e assédio, principalmente sexual, são mulheres. Novamente, nota-se a interferência de uma sociedade patriarcal e machista criando um ambiente que naturaliza estes acontecimentos, muitas vezes culpando a vítima pelo assédio ou violência sexual sofrida.

## CONCLUSÃO

Embora haja tendências machistas reafirmando o assédio, a cultura do estupro e todo tipo de violência sexual, a partir dos comentários e reações dxs alunxs perante os casos expostos, estes não concordavam com tal violência, deixando claro como estes assuntos são naturalizados na sociedade.

Um resultado não esperado foram os relatos de experiência de alunxs que já sofreram assédio, chegando a um número alarmante, revelando a importância de estudos que corroborem relatos encontrados na literatura sobre assédios presentes em ambiente escolar, bem como sofrido por crianças e adolescentes.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Muito se é falado sobre a responsabilidade da vítima de ser violentada, sendo necessárias medidas preventivas para que as potenciais vítimas estejam “protegidas” ou “preparadas”, contudo pouco se ouve acerca de uma educação que não favoreça a prática da violência, desde o assédio moral que ocorre diariamente em locais de estudo e trabalho até o assédio sexual, que acomete em sua maioria, mulheres. Ou seja, as potenciais vítimas são ensinadas a se protegerem, a “se darem o respeito”, não frequentarem certos locais ou usarem determinadas roupas, mas os possíveis estupradores não são instruídos a não estuprar.

Conclui-se que há necessidade urgente de uma educação não sexista para a construção de modos de vida mais plenos e equânimes entre os gêneros, em diversas instâncias da vida pública, que eduque seres humanos e não meninos para serem “machões” e meninas para serem “princesas”, podendo minimizar a fonte da violência sexual, o machismo. Para isso, é importante o entendimento de igualdade de gênero, que é a base para a compreensão e adequação da igualdade e do respeito.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ASSÉDIO. **Dicio**: Dicionário Online de Português, 07 abril 2017. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br>>. Acesso em 07 abril 2017.

CHAUÍ, Marilena. “Participando do debate sobre mulher e violência”. In: **Perspectivas antropológicas da mulher**. Sobre mulher e violência. n. 4, Rio de Janeiro: Zahar, 1984

FERREIRA, J. B. et al. **Situações de assédio moral a trabalhadores anistiados políticos de uma empresa pública**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 12, n. 20, p. 215-233, dez. 2006

FIELD, Tim. **Bully in Sight**: How to predict, resist, challenge and combat workplace bullying. Overcoming the silence and denial by which abuse thrives. Success unlimited, 2010.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação





FUKUDA, R.F. **Assédio Sexual**: uma releitura a partir das relações de gênero. *Simbiótica*, Ufes, v.ún., n.01, jun. 2012.

GALINKIN, A. L.; ISMAEL, E. **Gênero**. In: Camino L.; Torres A. R.; Lima, M .E.; Pereira, M. E. (Org.). *Psicologia Social: temas e teorias*. Brasília: Technopolitik Editora, 2011. p. 503-558.

MACHADO, L. Z. **Masculinidade, sexualidade e estupro**: as construções da virilidade. *Cadernos Pagu*. v. 11. 1998. p. 231-273.

## PROBLEMATIZING AND DISCUSSING MORAL AND SEXUAL HARASSMENT IN CLASSROOM

### ABSTRACT

The role of the school may be relevant in highlighting established and customary actions that demonstrate power relations and oppression in relation to children, teenagers and women. This research was developed from two classes applied to 61 youngsters of two sixth grade of Middle School, in a public school in the city of Londrina, whose theme was the problematization of moral and sexual harassment. Slides were used with photos of different people (men and women (cis and trans)), with different ages (infants, children, youths and adults) in different environments (work, home, party, church). For all the observed images, the students were able to note on a sheet of paper, anonymously, the circumstances by which they imagined that these persons had been raped. In the sequence, there were cases of harassment, where the students were unanimous in saying that they had suffered or witnessed such an event. A discussion was promoted, allowing reflection on the subject and, through written records, it was observed that, at the end of the class, there were changes in the notions considered as natural related to male chauvinist and prejudiced attitudes, making possible the perception of the importance and need to address issues related to these topics in the classroom.

**Keywords:** School; Sexual harassment; Harassment; Rape.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação

